



TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 7 nº 23 outono 2007

I PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA | 3,5 EUROS

ANSEL ADAMS

A natureza a preto-e-branco

CENTROS DE RECUPERAÇÃO de animais selvagens

IRATI a selva ibérica





† Papagaio-do-mar (*Fratercula artica*) © José Projecto

ERRATA

Nota do editor: os nossos mais fiéis e atentos leitores não terão tido dúvidas acerca da autoria dos textos. Essa não é razão, no entanto, para a lamentável omissão do nome do autor dos artigos A oliveira de Wellington (TN 25, p. 23) e A árvore da cânfora (TN 27, p. 27). Aos leitores mas, em particular, ao nosso colaborador David Torres, fica o pedido de desculpas pelos lapsos.

Ainda na TN 27, não apareceu o nome da co-autora do artigo de capa (Mauritânia), Raquel Vasconcelos, quer nos destaques da página 2, onde só surgem os nomes dos restantes co-autores, quer na identificação da autoria da fotografia que, nas páginas 16 e 17, abre o artigo. A Raquel Vasconcelos deixamos aqui expresso o nosso pedido de desculpas.

Também no número anterior (TN 27), esfumou-se misteriosamente a legenda da imagem da página 8 (à esquerda) que, juntamente com a imagem da página 9, confrontava os incêndios da Mata do Ramiscal e do Mezio em duas datas distintas (9 e 13 de Agosto) e assegurava o seguinte: *Imagem de satélite da região ocidental da Península Ibérica, obtida a 9 de Agosto, onde se pode observar a fase inicial do fogo que viria a devastar a Mata do Ramiscal e o Mezio. Créditos: NASA Earth Observatory – MODIS Rapid Response Team, Goddard Space Flight Center.*

DESTAQUES DO OUTONO



IRATI, A SELVA IBÉRICA

Irati, pequeno paraíso pirenaico, é um dos mais interessantes bosques mistos europeus. A *Tribuna da Natureza* foi lá, para uma primeira visita e, entre promessas de lá voltar, traz a caracterização, memórias e imagens de um lugar como já há poucos.

ANSEL ADAMS – A NATUREZA A PRETO-E-BRANCO

Henri-Cartier Bresson (1908-2004), fotógrafo francês, criticou Ansel Adams por este fotografar paisagens enquanto que, em seu redor, o «mundo se desmoronava». Mas muito para além do valor documental inerente às imagens de Adams – testemunhos históricos da paisagem naqueles dias –, a contemplação das suas fotografias ajuda-nos na passagem por este «mundo que se desmorona». Sem elas – e outras, como as do próprio Cartier-Bresson!, e, enfim, generalizável a todas as formas de arte –, uma eutanásia cósmica talvez não fosse pior...

CENTROS DE RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS SELVAGENS

O Homem é, quase sempre, o responsável directo ou indirecto por ferimentos ou envenenamentos em animais selvagens. Em contrapartida, é também verdade que cabe à mesma espécie (mas raramente aos mesmos indivíduos!) tentar, quando possível, reparar ou minimizar esses danos. Ricardo Brandão, médico veterinário do Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens (CERVAS), com sede no Parque Natural da serra da Estrela, volta à *Tribuna da Natureza* para divulgar a Rede Nacional de Recolha e Recuperação de Animais Selvagens e o que se faz nos Centros de Recuperação que a constituem.

FICHA TÉCNICA

DIRECTOR | Miguel Dantas da Gama REDACÇÃO | Raul Lima - Editor · David Torres · Francisco Álvares · João Carlos Claro · João Cosme Matos · Luís Rodrigues · Paulo Santos · Roberto Hartasánchez DESIGN | Cristina Dordio ILUSTRAÇÕES | José Projecto ASSINATURAS/PUBLICIDADE | Fernando Silva COLABORARAM NESTE NÚMERO | Fábica Azevedo · Ricardo Brandão EDIÇÃO E PROPRIEDADE | FAPAS - Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens ENDEREÇO | Rua Alexandre Herculano, 371 - 4º Andar Dto. - 4000-055 PORTO Tel. 22 200 24 72 - Fax 22 208 74 55 E-mail: fapas@mail.esoterica.pt Página web: www.fapas.pt REGISTO ICS | 123453 DEPÓSITO LEGAL | 146895/00 TIRAGEM | 3000 exemplares IMPRESSÃO | Inova Artes Gráficas Publicação independente aberta a pessoas e instituições que se dedicam ao estudo e à defesa da vida selvagem. *Tribuna da Natureza* não é responsável pelas opiniões dos seus colaboradores quando manifestadas em textos devidamente assinados.

CAPA | Monolith, The Face of Half Dome. Ansel Adams (1927)
© Ansel Adams Publishing Rights Trust/CORBIS/VMI

Há algo de indissociável entre a Natureza e a fotografia. Para aqueles que se preocupam com a preservação da vida selvagem, a fotografia foi adquirindo importância nomeadamente sob o ponto de vista documental. Uma ferramenta de trabalho de campo preciosa e, muitas vezes, a única forma possível de «preservar» para o futuro património natural que se vai perdendo. Em causa estão, principalmente, paisagens, mas também espécies de animais, de plantas,...

Se não são poucos os que, gostando de fotografia, também se envolvem com a Natureza, entre os que nela se embrenham para a estudar e/ou usufruir conta-se uma grande maioria que não dispensa nunca a companhia da(s) sua(s) câmara(s) fotográfica(s).

Ansel Adams, uma das referências mundiais da fotografia da Natureza e um excelente exemplo de como o cultivo desta arte levado às últimas consequências pode ser tão benéfico para a valorização dos espaços naturais, é o responsável por (mais) um número original da **Tribuna da Natureza**. Escolhemos para a capa o mítico Half Dome, do Parque Nacional de Yosemite (E.U.A), fotografado a preto-e-branco como a maioria dos temas da vastíssima obra do norte-americano, em busca da qual os leitores poderão (motivadamente) partir uma vez lido o documentado artigo da autoria de Raul Lima, editor da nossa revista.

Numa altura em que os efeitos dos cortes orçamentais do Instituto da Conservação da Natureza (agora também da Biodiversidade – ICNB) se fazem sentir por todas as áreas da sua intervenção, destacamos o papel primordial que cabe aos centros de recuperação de

animais selvagens onde estes chegam após acidentes nas estradas ou com linhas de energia eléctrica, após longos períodos de cativeiro e de doenças, estropeados por tiros, envenenados ou devido a muitas outras causas de que o Homem é quase sempre o grande, senão o único, responsável. Ricardo Brandão, do Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens (CERVAS) da serra da Estrela, explica toda esta problemática e para que serve a Rede Nacional de Recolha e Recuperação de Animais Selvagens, que importa manter.

«Visualizações» grandiosas a preto-e-branco no colorido «mundo que se desmorona»

Handwritten signature: Ricardo Brandão

Queremos evidenciar neste editorial a grande preocupação com que encaramos a ideia de permitir embarcações sem motor (para já!) e a criação de praias fluviais na albufeira de Vilarinho da Fuma, ou seja, a usufruição turística desta mancha de água do Parque Nacional da Peneda-Gerês. A defesa de uma medida tão atentatória para a integridade do território do Parque Nacional deixa-nos perplexos. Não chegam já as várias albufeiras vizinhas no rio Cávado? Não bastam a pressão e a degradação consentidas na muito próxima albufeira da Caniçada? E o que virá a seguir? Arrecadações e outras estruturas de apoio às embarcações? Barracas de «comes e bebes»? Uma estalagem? Novos acessos? É inacreditável que ao fim de 36 anos, nos quais Vilarinho da Fuma – situada numa zona de particular interesse natural e de grande sensibilidade ambiental – se manteve (pelo menos legalmente) minimamente protegida, se venha agora defender a sua utilização para fins turísticos. Resulta incompreensível que o próprio Parque subscreva esta ideia.

Será que é mesmo uma contrapartida pela aplicação de uma portagem de 1,5 euros nos acessos à vizinha Mata de Albergaria com que o Parque pensa que poderá reduzir a pressão do tráfego motorizado? Um contra-senso, mais ainda se atendermos ao valor reduzido da taxa que não inibirá quem provenha de Braga ou do Porto de percorrer estas vias. Sintomático é que há quem defenda que esta receita deve ser aplicada na melhoria dos acessos!! Mas afinal a ideia é preservar a Reserva Biogenética e a Geira Romana ou angariar verbas para acelerar a sua destruição? Será que cobrar uma verba a quem usufrui um património que todos dizem ser de eleição, com o intuito de o preservar, impõe a concessão de «contrapartidas»? Será uma decisão lamentável. Insistimos: todos estes acessos devem ser encerrados ao trânsito motorizado, salvaguardando a serventia das populações das aldeias vizinhas.

Enquanto na vizinha Espanha se trabalha para, por exemplo, fazer regressar o quebra-ossos aos Picos da Europa, se luta pela águia-real na Galiza, pelo urso-pardo nas Cordilheiras Cantábrica e Pirenaica, pelo lince mais a sul, se reconverte o coberto vegetal em Monfrague..., no Gerês assiste-se à agonia da águia-real, criam-se condições para, de uma forma geral, degradar mais, e mais rapidamente, o pouco que resta, suportando-se tal conduta num discurso sempre enviesado. Continua a não haver uma visão estratégica, de conjunto. Não havendo também memória do que existiu, não se avalla – por comparação – o que se vai perdendo. O Plano de Ordenamento, em fase de revisão, atenderá certamente às novas «necessidades» ditadas pelo «turismo sustentado».

Barómetro da estação

O Estado português é rápido e «eficiente» quando as consequências da suas acções são gravosas para o interesse público. A reorganização do ICN está consumada, o Parque Nacional da Peneda-Gerês foi desrespeitado, misturado num agrupamento de áreas protegidas do Norte, todas elas despromovidas. O mesmo acontece com os restantes espaços classificados, amontoados em agrupamentos similares. Se a estrutura que tínhamos evidenciava grandes debilidades, agora tudo ficará pior. Menos visibilidade, menos recursos,... é de esperar (ainda) menos conservação.

TEMPESTADE

CENTROS DE RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS SELVAGENS

A recuperação de animais selvagens consiste na recepção e tratamento dos indivíduos recolhidos, com o objetivo de os libertar no local onde foram encontrados. Este trabalho é desenvolvido em Centros de Recuperação, que funcionam como Hospitais para a Fauna Selvagem. Em Portugal, existe uma Rede Nacional de Recolha e Recuperação de Animais Selvagens, de que fazem parte cerca de uma dezena de centros de recuperação, cuja entidade gestora é o Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade.

DEFESA DA NATUREZA

TEXTO · Ricardo Brandão Médico Veterinário | Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens (CERVAS)
Parque Natural da Serra da Estrela

FOTOGRAFIAS · Fábria Azevedo
Ricardo Brandão

ÃO



De uma forma geral, o trabalho de um centro de recuperação de fauna selvagem consiste em recolher ou receber animais feridos, curá-los e devolvê-los à Natureza. Obviamente que esse é o objectivo final de um centro mas, na realidade, representa apenas uma parte do trabalho realizado. Reabilitar um animal selvagem consiste num processo que tem início quando um animal é encontrado, até ao momento em que, após a libertação, há comprovação científica de que o animal está a sobreviver.

Todos os animais que ingressam num centro são matéria-prima de estudo e de trabalho. Mesmo que não se consiga libertar um indivíduo, há muito trabalho a realizar e muita informação que deve ser obtida através dele. Por isso, todos os animais vivos, cadáveres e partes de animais que ingressam num centro de recuperação devem ser estudados cuidadosamente, porque as informações que nos fornecem podem vir a ser relevantes para a preservação das espécies em causa.

Cabe a um centro de recuperação recolher animais vivos e cadáveres, determinar causas de entrada e morte, respectivamente, patologias predisponentes e agentes infecciosos, parasitários e tóxicos presentes. No caso dos cadáveres é particularmente relevante proceder à análise minuciosa de todos os órgãos e respectivo conteúdo e lesões. Os resultados e dados devem ser organizados e estudados, e divulgados regularmente no sentido de fundamentar cientificamente a luta contra as causas de ingresso, na tentativa de resolver ou minimizar os problemas que afectam os animais selvagens e de tomar medidas de conservação realistas e eficazes. Sob esta perspectiva, os centros devem constituir-se como locais privilegiados para uma primeira linha de monitorização dos problemas das populações selvagens, o que lhes confere um estatuto cada vez mais importante dentro do amplo conceito da Medicina da Conservação.

CAUSAS DE INGRESSO

Dependendo da localização do centro, a casuística e as espécies que ingressam com maior frequência vão variando substancialmente. Por esta razão, os diversos centros vão-se especializando em algumas espécies e/ou problemas, como alguns dos que são referidos de seguida, mas a diversidade de causas de ingresso é consideravelmente maior.

TRAUMATISMOS

O território disponível para as espécies selvagens tende a diminuir e a fragmentar-se devido ao contínuo aumento e diversificação de vias de comunicação e diversos tipos de construções humanas. Por essa razão, aumenta a possibilidade da ocorrência de lesões traumáticas relacionadas com os atropelamentos e as colisões (com janelas, cabos eléctricos, postes, etc.). As lesões resultantes destes traumas são quase sempre fracturas, de maior ou menor gravidade, e com maiores ou menores complicações consoante o tempo que decorre entre o trauma e a altura em que o animal é recebido, devido à contaminação com detritos e bactérias. Por vezes, nem são as fracturas que constituem as principais complicações, mas sim outros problemas que as acompanham, como lesões irreversíveis de diversos órgãos, por exemplo a nível ocular, craneo-encefálico e medular, bem como as luxações ou hemorragias internas. Os traumas derivados de tiros e armadilhas provocam lesões semelhantes, e de difícil recuperação na maior parte dos casos.

DESNUTRIÇÃO / CAQUEXIA

A entrada de animais muito débeis e magros é frequente. Os animais mais susceptíveis e com maior índice de mortalidade são os juvenis, sendo o primeiro ano o mais crítico para um animal de qualquer espécie, pois nessa fase podem não estar totalmente aptos para sobreviver de forma independente dos seus pais. Estes indivíduos têm também maior dificuldade a adaptar-se a todos os elementos não naturais do seu habitat, e a sua inexperiência pode não lhes permitir obter a quantidade de presas suficientes para sobreviver. São, por isso, os juvenis de primeiro ano que geralmente entram em estados de caquexia e desnutrição mais avançados. Estas situações são de difícil recuperação, principalmente quando acompanhados de desidratação severa, uma vez que os processos fisiológicos dos animais podem estar irreversivelmente alterados.

ELECTROCUSSÃO

A electrocussão dá-se quando uma ave levanta voo ou pousa num poste de electricidade que usa como poleiro e há contacto com elementos não isolados do fio de electricidade, o que leva à passa-



Libertação de um Peneireiro-vulgar (*Falco tinnunculus*) recuperado num centro de recuperação. ▶

gem de corrente eléctrica pelo corpo. Geralmente a entrada ocorre pela ponta de uma das asas e a saída dá-se por uma garra do lado oposto, mas nem sempre segue este padrão e, conseqüentemente, a diversidade de lesões é muito grande. A electrocussão é uma das mais letais ocorrências, porque a passagem da corrente eléctrica pelo corpo da ave geralmente resulta em morte fulminante.

As lesões produzidas são combustão e necrose nos pontos de entrada e saída da corrente; rotura generalizada dos endotélios vasculares, o que produz hemorragia interna e congestão generalizadas; lesões neuronais que podem variar desde pequenas perdas de percepção (por vezes transitórios) até danos generalizados irreversíveis no sistema nervoso central que, por sua vez, podem conduzir a paralisia parcial, total ou a diversos graus de ataxia.

A gravidade das lesões depende essencialmente da voltagem da linha eléctrica e do tamanho da ave afectada. Uma ave de grandes dimensões pode suportar um grau de destruição tissular que deixaria irreversivelmente incapacitada uma ave de menor massa corporal. Geralmente, aves de grande tamanho como Cegonhas (*Ciconia ciconia*), Águias-reais (*Aquila chrysaetus*), Búfalos-reais (*Bubo bubo*) ou diversas espécies de Abutres, como por exemplo os Grifos (*Gyps fulvus*), podem ser recuperáveis caso não tenha ocorrido lesão nervosa ou se as lesões dos tecidos forem também recuperáveis.

INTOXICAÇÃO / ENVENENAMENTO

São raros os casos de animais vítimas de envenenamento que entram num centro de recuperação com vida e com possibilidades de serem totalmente recuperados. A actuação de alguns tóxicos é geralmente rápida e a morte ocorre em pouco tempo, por vezes em menos de 30 minutos após a ingestão do veneno. Um dos maiores problemas relacionados com a existência de substâncias tóxicas no ambiente é a possibilidade da sua acumulação e persistência, que leva a que vários animais possam ser afectados ao longo da cadeia trófica. O uso ilegal de alguns venenos de maior potência como a Etricina ou diversos grupos de Insecticidas, pode gerar conseqüências gravíssimas e incontroláveis. Em Portugal, existe uma plataforma de luta contra o uso ilegal de venenos denominada Programa Antídoto – Portugal (www.antidoto-portugal.org) – v. tb. **Tribuna da Natureza** nº 25. No que respeita às intoxicações «moderadas» e crónicas são conhecidos os efeitos que alguns tóxicos podem ter na fauna selvagem, mas este problema raramente é diagnosticado em centros de recuperação. Alguns estudos revelam no entanto que a acumulação de tóxicos pode predispor os animais selvagens a outras causas de ingresso, como as doenças, debilidade, atropelamentos, entre outras.



▲ Um Mocho-galego (*Athene noctua*) com fractura numa asa devido a atropelamento por um carro.



▲ Administração de medicação por via oral a um Ouriço (*Erinaceus europaeus*) doente.

▼ Juvenil de Açor (*Accipiter gentilis*) que estava em cativeiro ilegal e a quem foram cortadas todas as penas das asas.



▲ Fuinha (*Martes foina*) morta por atropelamento. Animais selvagens nestas condições que sejam encontrados em bom estado de conservação devem ser também encaminhados para Centros de Recuperação

▲ Grifo (*Gyps fulvus*) morto por electrocussão num poste de electricidade. Uma das asas encontra-se totalmente queimada devido à passagem da corrente eléctrica. © Fábila Azevedo

ENTRADA DE JUVENIS (PILHAGEM DE NINHOS, JUVENIS ENTREGUES POR PARTICULARES)

Quando se encontra uma cria ou juvenil de uma espécie selvagem o contacto visual com humanos deve ser reduzido ao mínimo indispensável, de forma a evitar a sua domesticação. Quando um animal juvenil é entregue num centro de recuperação, o primeiro passo deve ser avaliar se está em boa condição física e, nesse caso, descobrir onde foi encontrado e tentar devolvê-lo ao seu local de origem, recolocando-o no seu ninho ou toca (ou num local próximo) com a maior brevidade possível. Caso não se conheça a proveniência exacta, o animal deve ficar no centro. Para a sua recuperação podem ser tentadas diversas soluções, que podem passar pela tentativa de adopção por mães/pais adoptivos (geralmente animais irrecuperáveis da mesma espécie ou outra semelhante) que existam nos centros, colocá-los em conjunto com outros juvenis de idade aproximada que tenham sido também recolhidos na mesma época (mesmo que sejam provenientes de outras zonas), ou tentar alimentá-los manualmente, minimizando o contacto.

CATIVEIRO ILEGAL

A captura e posse de animais selvagens é ilegal e, como tal, deve ser denunciada às autoridades. Uma grande parte dos ingressos de animais em centros de recuperação deve-se a esta problemática pois, infelizmente, muita gente ainda desconhece a legislação. Por outro lado, apenas nos últimos anos tem existido um efectivo empenho das autoridades para recolher animais que estão em posse ilegal por parte de particulares.

Os animais que permanecem algum tempo em cativeiro são geralmente mantidos sob condições de má higiene, deficiências nutricionais e stress constante e, por essa razão, desenvolvem patologias e lesões muitas vezes irreversíveis. A recuperação é por vezes impossível devido ao tempo prolongado de contacto com humanos, que acaba por afectar a conduta normal de cada indivíduo. Estes animais não podem ser devolvidos à Natureza pois, na grande maioria dos casos, não conseguiriam relacionar-se correctamente com outros indivíduos da mesma espécie.

DOENÇAS INFECCIOSAS

As doenças que afectam os animais selvagens estão a adquirir um maior interesse na actualidade. Torna-se cada vez mais fundamental identificar os principais agentes envolvidos em problemas relacionados com conservação de algumas espécies em perigo, mas também em espécies cinegéticas, pela possibilidade de transmissão de doenças entre as populações selvagens e os animais domésticos, bem como o próprio homem. Os centros de recuperação constituem por isso um local de estudo de grande importância e devem ser usados todos os meios disponíveis para estabelecer os diagnósticos mais correctos possíveis. Geralmente, os processos infecciosos que se diagnosticam nos centros de recuperação têm como antecedentes algumas situações de stress prolongado, como por exemplo o cativeiro, inanição devido a traumatismo que impeça o animal de continuar a conseguir alimento, inexperiência ou ao baixo grau na escala hierárquica da sua comunidade (ex: jovens). Por esta razão, é de grande interesse para os centros de recuperação receber animais mortos, pois constituem uma base de trabalho para diversos estudos.

PETRÓLEO, ÓLEOS, RESINAS

O ingresso de aves e mamíferos petroleados em centros localizados no litoral é relativamente frequente e ocorre ao longo de todo o ano, mesmo sem que ocorram derrames maciços de petróleo em acidentes de barcos. As técnicas e protocolos de lavagem e tratamento estão bem definidos, de uma forma geral, uma vez que há organizações internacionais especializadas neste tipo de procedimentos, que geram grande quantidade de informação útil. No entanto, torna-se sempre necessário que em cada país existam técnicos com experiência prática e material/equipamento adequados para que o tratamento deste tipo de casos seja efectuado com eficácia, no mais curto espaço de tempo possível. Há outras causas de ingresso que obrigam a procedimentos de lavagem semelhantes ao petróleo, como por exemplo o ingresso de animais sujos com óleo, azeite, resinas, cola e outras substâncias pegajosas.

FUNCIONAMENTO DE UM CENTRO DE RECUPERAÇÃO DE FAUNA SELVAGEM

Em termos gerais, o trabalho desenvolvido num centro de recuperação não difere substancialmente do que é levado a cabo numa clínica ou hospital veterinário, mas há que considerar a grande diversidade das espécies que se recebem e todas as particularidades de cada uma.

À partida, o objectivo dos tratamentos efectuados é a devolução dos animais ao seu meio natural de origem, no entanto, há casos em que isso não é possível. Nessas situações, deve-se tentar manter os animais em condições físicas adequadas para a sua permanência em cativeiro, sempre que existir um local onde possam ficar e tenham uma função bem definida.

A principal dificuldade com que se debate a grande maioria dos centros de recuperação de fauna selvagem em qualquer parte do mundo é a falta de recursos financeiros para desenvolver todos os trabalhos necessários. Este problema é sempre minimizado pelas colaborações com diversas entidades, que a vários níveis (técnico, recursos humanos, apoio financeiro) podem permitir que os centros se mantenham activos.

Apesar de um centro ter que ser forçosamente muito versátil e com capacidade de se adaptar a diferentes espécies e indivíduos, há condições mínimas necessárias para assegurar o funcionamento. Um cen-

tro de recuperação deve possuir uma zona de ingresso e avaliação dos animais, uma clínica, uma sala de cirurgia, uma sala de radiografias, um laboratório, unidades de cuidados intensivos com jaulas de diferentes tamanhos, diversas jaulas exteriores de recuperação de várias espécies, túneis de voo, sala de necrópsia, um biotério para produção de alimento, espaço de lavagem de material e jaulas e salas de preparação e armazenamento de comida, bem como de outro material diverso. Além destes espaços mais comuns, em alguns centros é necessário ter estruturas preparadas para a manutenção e tratamento de animais que ingressaram por causas específicas, como por exemplo os petroleados. Dependendo das possibilidades económicas, podem existir estruturas e equipamento que aumentem a capacidade de diversificar as linhas de trabalho num centro de recuperação, principalmente ao nível dos diagnósticos complementares (ex: Endoscopia, Exames Microbiológicos) e dos tratamentos que se podem efectuar. Um espaço dedicado à quarentena dos animais que ingressam num centro também deveria estar disponível.

INTERNET

Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade
<http://portal.icnb.pt/>

Lx-CRAS

http://www.cm-lisboa.pt/monsanto/?id_categoria=16

ALDEIA

www.aldeia.org

I Encontro Ibérico de Recuperação e Conservação de Fauna Selvagem

<http://encontroiberico.no.sapo.pt>

RNRAS - Fórum da Rede Nacional de Recuperação de Animais Selvagens de Portugal

<http://br.groups.yahoo.com/group/mras>

GREFA - Grupo para la Recuperación de la Fauna Autóctona y su Hábitat

<http://www.grefa.org>

BRINZAL - Centro de Recuperación de Rapaces Nocturnas

<http://www.brinzal.org>

Concerforum

<http://es.groups.yahoo.com/group/concerforum>

The Raptor Center of Minnesota

<http://www.raptor.cvm.umn.edu/>

Wildlife Diseases Association

<http://www.wildlifedisease.org/>

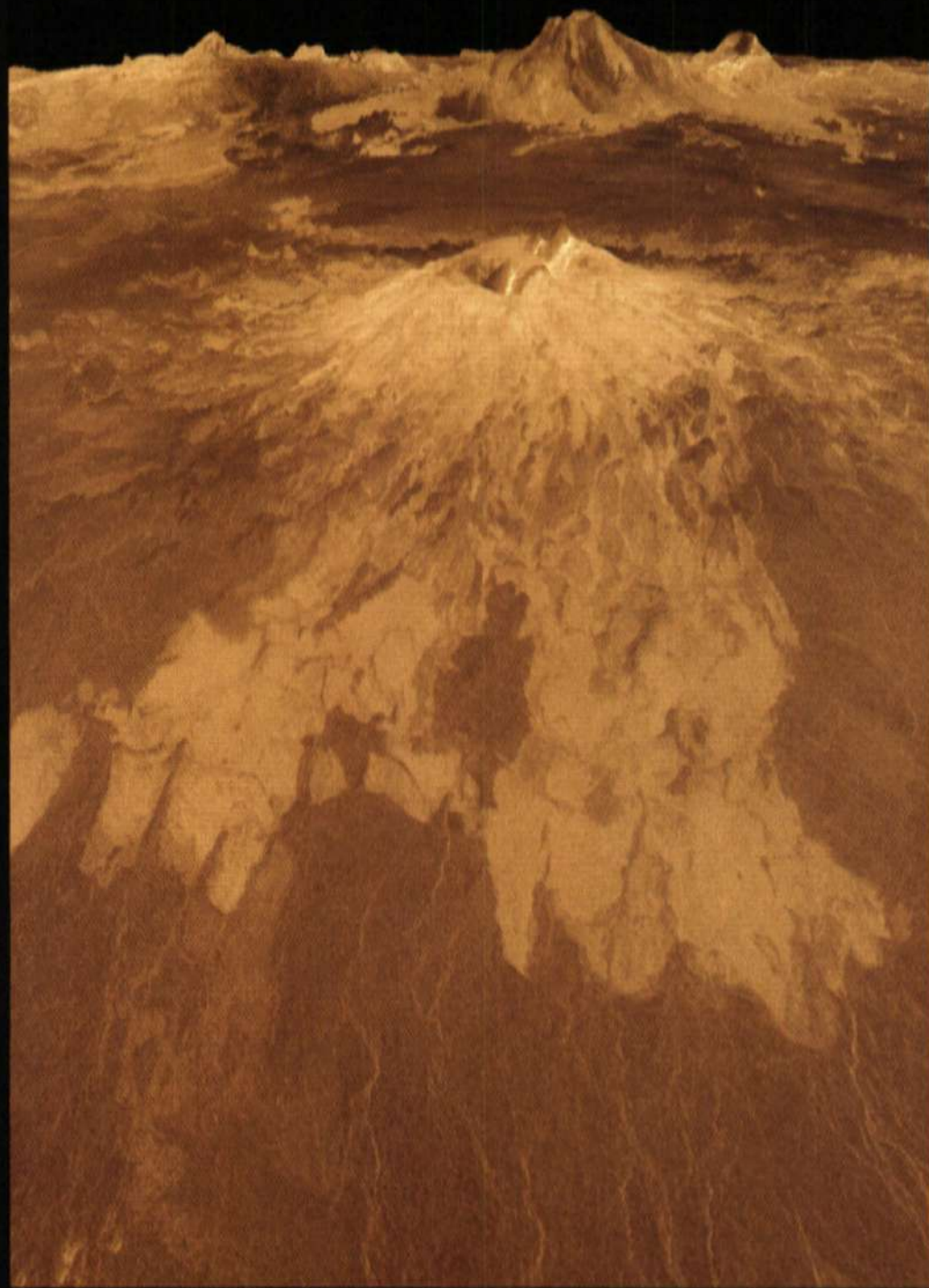
Wildlife Rehabilitation Online

<http://www.iwrc-online.org/>

▼ Andorinhão-preto (*Apus apus*) juvenil a ser alimentado manualmente após ter ingressado num estado de desnutrição grave.



▲ Instalações para recuperação de aves petroleadas na costa da Galiza (2002).



Vênus - Perspectiva tridimensional da região denominada Sapas Mons - A imagem foi obtida pela sonda Magalhães. A escala vertical está exagerada 10 vezes. As cores são também simuladas com base em informações de outras missões ao planeta. Créditos: NASA/JPL.

O AMOR NÃO ENGANA?

(LEMBRANDO QUE AMOR NÃO ME ENGANA, DE JOSÉ AFONSO)



Que a Lua é mentirosa já todos sabemos: mostra-nos um «C» de «crescente» quando decresce e um «D» de «decrecente» quando cresce. Mas Vénus, o planeta da Deusa do Amor, não mente. Historicamente, as fases de Vénus tiveram uma importância fulcral: foi um dos aspectos que levou Galileu (que primeiro as observou, com as suas lunetas) a concluir que a Terra não seria o centro do Sistema Solar (ou do Universo) e que, para além disso, Vénus teria uma órbita interior à do nosso planeta.

O brilho de Vénus depende, em particular, de duas variáveis: da sua distância à Terra e da sua fase. Ao contrário da Lua, que se apresenta com maior brilho quando está em fase de Lua Cheia, a fase correspondente (Vénus Cheio!) é aquela em que Vénus brilha menos, do ponto de vista de um observador em Terra. A explicação é simples. Quando Vénus está na fase de «Cheio» encontra-se diametralmente oposto à posição da Terra, em relação ao Sol (diz-se que está em conjunção superior). A sua face iluminada (pela metade do Sol que não vemos nessa altura) encontra-se de frente para nós. Mas, porque está à distância máxima da Terra, o seu diâmetro aparente é mínimo (10" arco). Como é um planeta interior, Vénus orbita mais rapidamente do que a Terra (no sentido anti-horário – como todos os planetas, de resto) do ponto de vista de um observador num local acima (Norte) do plano da eclíptica. Assim, à fase de Cheio do planeta segue-se uma fase minguante mas que é, na orien-

tação no céu, equivalente à fase crescente da Lua. Alguns meses depois o planeta encontra-se numa fase de quarto-minguante (porque decresce) mas, como a orientação é inversa da da Lua, mostra-nos sapientemente um «D». O esquema na página ao lado pode ajudar a mais facilmente compreender o fenómeno. Nestas duas fases (elongações máximas) o diâmetro aparente do planeta é de 25" arco.

Se há quem afirme conseguir distinguir a olho nu os finos crescentes de Vénus – quando o seu tamanho aparente no céu (40" arco) está perto do máximo –, a verdade é que mesmo com um binóculo pode ser difícil. Experimente-se com céu ainda muito claro, preferencialmente antes de o Sol se pôr ou, nas épocas em que Vénus é «estrela da manhã», depois de o astro-rei nascer. Esta última situação (que se verificará a partir do final de Agosto) traz uma vantagem. Encontrar Vénus antes do sol-pôr não é muito fácil dado o brilho de fundo do céu, a menos que se saiba exactamente onde o planeta está. Mas se o seguirmos desde que o localizamos, ao nascer, uma hora ou mais antes do gigante Helios surgir no horizonte, torna-se tarefa relativamente simples. A vantagem de observar o planeta de dia prende-se com o facto de, assim, o seu brilho não ser ofuscante. O contraste entre o planeta e o céu vizinho é menor e o seu crescente muito mais óbvio. As mesmas recomendações são

válidas para a observação com uma luneta ou telescópio, a que acresce a adição de um filtro amarelo ou laranja, para escurecer o azul do céu (tal como se faz na fotografia a preto-e-branco). A desvantagem é que, de dia, a turbulência atmosférica é maior e a imagem poderá ser pouco nítida (com turbulência elevada, os astros parecem «dançar» à nossa frente; por vezes, a imagem de um planeta chega mesmo a dividir-se e temos planeta e sua réplica bailando irrequietamente, inviabilizando qualquer observação de qualidade).

De oito em oito anos, Vénus tem comportamento exactamente igual. Em finais de Agosto terá os últimos dias como «estrela da tarde», passando logo a seguir a «estrela da manhã». Em 2015 o comportamento será replicado. Entre as etapas de «tarde» e «manhã» Vénus está entre a Terra e o Sol (conjunção inferior), situação em que o seu diâmetro aparente é máximo (64" arco). Este alinhamento proporciona, por vezes, um mini-eclipse do Sol (trânsito): o último deu-se em 8 de Junho de 2004 e o próximo dar-se-á a 6 de Junho de 2012. Infelizmente, este não será visível em Portugal, o que representa um excelente pretexto para sair do país.



Vénus, numa imagem (cores falsas) obtida pelo Telescópio Espacial Hubble (HST) em 1995 (registando ultra-violeta). Crédito: NASA/Space Telescope Science Institute.

O SISTEMA SOLAR NESTE TRIMESTRE

Em Setembro, Vénus brilhará intensamente no céu da aurora, com uma magnitude máxima de -4.8. Uma luneta ou telescópio permitirão uma excelente observação da fase de Vénus, num fino mas intenso crescente (v. texto ao lado).

Júpiter, amarelo, será o astro mais brilhante a sul, relativamente baixo no céu dada a sua corrente posição no Zodíaco (logo a norte de Escorpião). Marte, alaranjado, apresenta-se na sempre interessante constelação de Touro, onde nos convida a observar com o binóculo as Pléiades e as Híades (junto a Aldebaran, estrela alfa de Touro). No final do mês de Setembro aproximar-se-á do aglomerado aberto M35, na constelação dos Gémeos. Brilhará mais do que Aldebaran.

Para o final, um desafio: Mercúrio prepara-se para um encontro próximo com α da Virgem, Spica (Espiga), no dia 21 de Setembro. Experimente apontar o binóculo um pouco acima do horizonte OSO, cerca de meia-hora depois do pôr-do-sol. À esquerda, Spica, à direita, Mercúrio, o planeta que Galileu nunca terá visto porque as permanentes neblinas impediriam a observação a baixa altitude. Por essa razão e porque o fenómeno se dá durante o crepúsculo, a tarefa revela-se exigente. Escolha locais com horizonte OSO desimpedidos e, se possível, com atmosfera límpida.





A NATUREZA A PRETO-E-BRANCO

GRANDE DESTAQUE TEXTO · Raul Lima

Ansel Easton Adams, fotógrafo norte-americano (1902-1984), é um dos nomes cimeiros da fotografia da Natureza. Plasmou milhares de paisagens dos espaços naturais (maioritariamente) norte-americanos em negativos preto-e-branco, arte em que se especializou como autodidacta e para a qual trouxe contribuições decisivas.

Vários fotógrafos americanos antes dele ou dele contemporâneos retrataram a paisagem americana (Timothy O'Sullivan e Edward Weston, para referir apenas dois exemplos), mas talvez até então ninguém tivesse conseguido de forma sistemática e, simultaneamente, artística (por oposição a documental), captar a grandiosidade dessas paisagens nem feito as interpretações de textura e, sobretudo, de luz que Adams tão bem conseguiu. Ultra-perfeccionista quer no detalhe, quer no enquadramento, quer na luz, desenvolveu o Sistema de Zonas (Zone System) para determinar rapidamente a exposição ideal para o objecto ou cena fotografada¹ com base no objectivo pretendido. Para que se realce a importância do Sistema de Zonas, basta referir que a maioria dos fotómetros das máquinas fotográficas actuais se baseia neste sistema (sob designações como multizonas, matricial e outras): é feita a análise da luminosidade de várias regiões da imagem e a interpretação da exposição «correcta» é determinada pelas intensidades quer relativas quer absolutas dessas regiões.

O trabalho de Ansel Adams desenvolveu-se, assim, sob o conceito de «visualização», isto é, mais do que fotografar o objecto ou paisagem dando-lhe uma impressão realista, Adams visualizava a forma e tonalidades finais do que pretendia para aquele sujeito. É em 1927, em relação a uma das suas famosas fotografias, **Monolith, The Face of Half Dome**² – capa deste número da **Tribuna da Natureza** – que Adams considera ter conseguido a sua primeira «visualização» consciente. A exposição, os filtros e, posteriormente, a revelação, foram programadas para a obtenção da imagem exacta que pretendia: «Ainda me consigo recordar do entusiasmo de ver a visualização [desta imagem] «tornar-se realidade» quando retirei a chapa do banho de fixação para a examinar. Os valores que pretendia estavam lá todos, na sua magnífica interpretação em negativo. Este foi um dos momentos mais excitantes de toda a minha carreira de fotógrafo» (Ansel Adams, 2002).

Antes de se dedicar integralmente à fotografia, era seu objectivo ganhar a vida como pianista (começou a tocar desde criança) e viveu algum

NOTA: a agência CORBIS detém os direitos de reprodução de grande parte do espólio fotográfico de Ansel Adams (consulte-se <http://pro.corbis.com> ou <http://www.vmi.pt>).

tempo (anos 1920) dando lições de piano, o que lhe permitia sustentar-se e continuar a dedicar-se à fotografia. O silencioso apelo desta e os bons resultados que estava a conseguir levaram-no a abandonar a projectada carreira de pianista no final dos anos 1920, princípio dos anos 1930, quando já tinha desenvolvido de forma notável a sua técnica fotográfica e considerava poder ombrear com a melhor fotografia que se fazia à época. Cedo colocou-se-lhe, porém, um problema: como viver apenas da fotografia artística? Não era possível, pelo que enveredou por uma carreira paralela comercial, trabalhando para departamentos do Estado, empresas, fazendo catálogos, fotografias para anúncios,... Entretanto, publicava livros, artigos, portfólios, expunha, ganhava bolsas e prémios, conhecia e relacionava-se com outros fotógrafos que viriam a ser determinantes, na técnica e na estética, para o seu trabalho futuro, como Alfred Stieglitz (1864-1946), Paul Strand (1890-1976) ou Edward Weston (1886-1958). Com Weston e outros fundou o Group f/64, movimento que explorava um conceito que envolvia uma gama tonal rica, uma nitidez elevada e focagem rigorosa (a designação «f/64» provém da posição de diafragma das lentes das câmaras de grande formato; uma lente diafragmada a f/64 proporciona uma muito grande profundidade de campo, permitindo que objectos muito próximos e até ao «infinito» fiquem focados).

Sendo evidente que o mesmo pode ser afirmado acerca de todos os bons fotógrafos, fica claro ao analisar o seu trabalho que Adams é um daqueles que escolhe o momento certo para accionar o obturador: a hora certa, a luz certa, o raio de luz certo, a nuvem certa, a sombra certa, a estação certa... Como para Paul Strand, que Adams cita (Ansel Adams, 2002), cada nuvem cria um momento único. Era também um dos grandes críticos das suas imagens e reinterpretou várias delas (imprimiu-as de novo) ao longo da sua vida, dando realce (em trabalho de câmara escura) a um ou outro pormenor da imagem ou mesmo à luz global. Foi igualmente um divulgador incansável e, longe de esconder a «receita» das suas fotografias, explicou com pormenor como obteve muitas delas – o que levou e leva à frustração de muitos dos

seus seguidores quando se apercebem que não basta dominar a técnica para se conseguir «igualar» ou aproximar sequer do «mestre».

Foi também um activista pela conservação dos espaços naturais, tendo-se filiado no Sierra Club (clube dedicado à protecção da Sierra Nevada californiana, fundado por John Muir – v., a propósito deste, a **Tribuna da Natureza** n.º 5, Inverno 2001. Adams pertenceu à direcção do clube durante 37 anos), protagonizando campanhas de protecção, organizando excursões pelas montanhas... Chegou mesmo a integrar uma comissão presidencial de protecção do meio ambiente e, em certas ocasiões, a apresentar-se no Congresso norte-americano e perante presidentes dos EUA (Jeanne Verhulst, 2003).

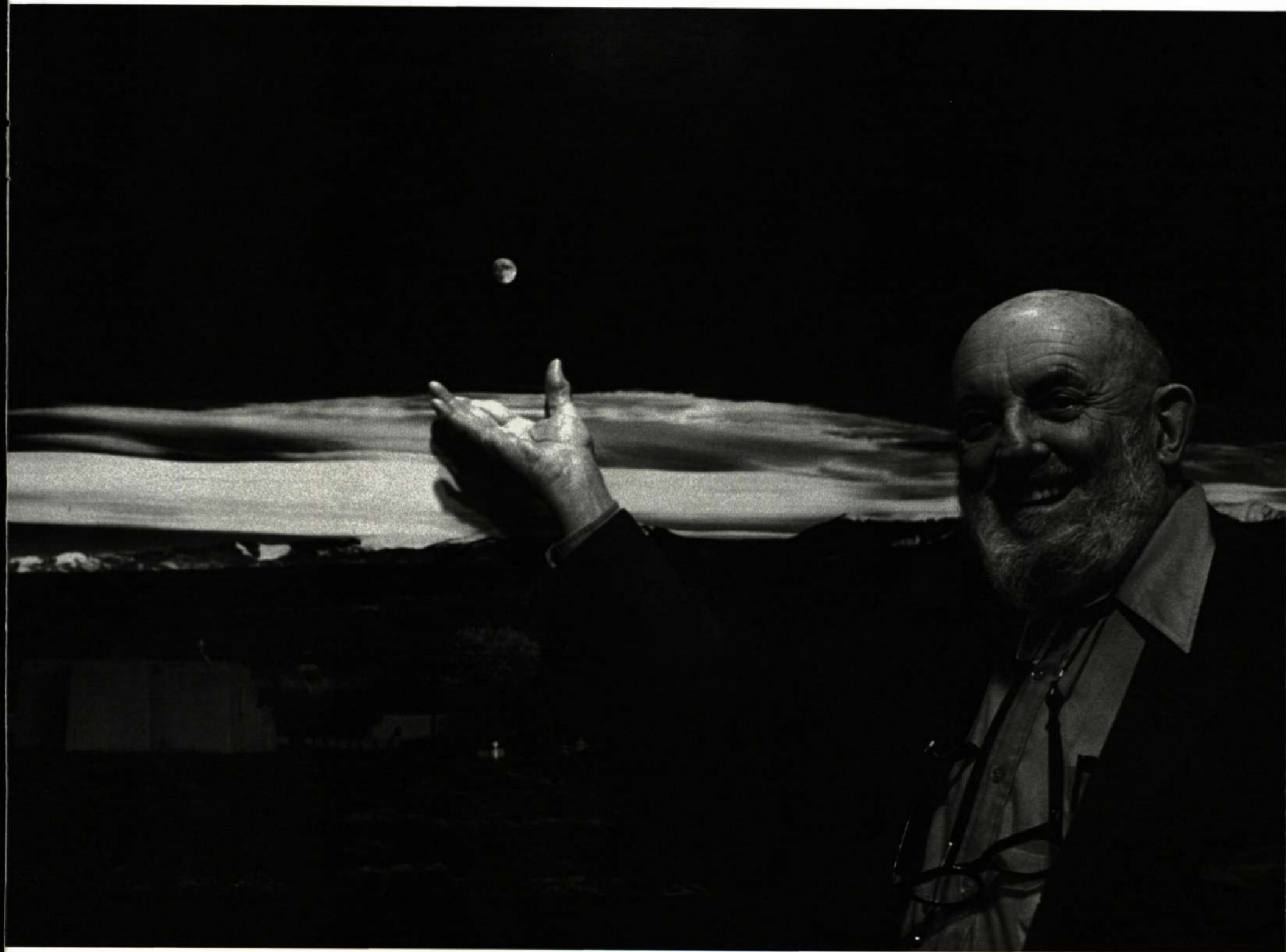
Após a sua morte, em 1984, e em sua homenagem, um espaço natural, Minarets Wilderness, nas Florestas Nacionais de Sierra (Califórnia), com cerca de 93 mil hectares e picos de mais de 4000 m, foi renomeado para Ansel Adams Wilderness. Esta reserva natural confina com a John Muir Wilderness, de 235 mil hectares e com o seu predilecto Parque Nacional de Yosemite.

A sua paixão pela Natureza e pelas paisagens, mais do que descrita, salta à vista da observação das suas imagens: «Eu não posso e não irei tentar descrever, analisar ou definir as motivações criativas-emocionais do meu trabalho. A descrição da inspiração ou do significado de uma fotografia, ou de qualquer outra forma de arte, reside na própria fotografia. As intermináveis discussões acerca da criatividade parecem-me carrocéis intelectuais sem significado. (...) Apenas o trabalho final, impresso, contém o significado e a mensagem do artista» (Ansel Adams, 2002).

Adams tinha e tem muitos detractores, em particular na Europa (com escola(s) de fotografia muito diferente(s) da(s) americana(s)). Uma crítica que se lhe atribuía (atribui) era a de a componente humana estar afastada da maior parte das suas imagens. Referência muito citada é a de Henri Cartier-Bresson (HCB), que acusou Ansel Adams e Edward Weston de se preocuparem em fotografar árvores e pedras enquanto o mundo se desmoronava. O contexto era, possivelmente, o das guerras e pós-guerras, mas Cartier-Bresson talvez não imaginasse que, infelizmente, esses temas continuaram a ser, são ainda hoje e não é de supor que algum dia deixem de ser actuais e semper fotografáveis. Os séculos XX e XXI estão cheios de exemplos diários de que o mundo que se desmorona a que HCB aludiu parece ser infinito e talvez autofágico. Porém, o tempo veio dar razão a Ansel Adams, porque também a Natureza se desmorona, graças ao mesmo actor das outras tragédias.

¹ Para quem quiser saber mais acerca do Sistema de Zonas recomenda-se a leitura de, pelo menos, os primeiros capítulos do seu livro **The negative** (Little, Brown and Company, 2003) (O negativo, em português, mas não recomendamos a edição traduzida, quer pela qualidade da tradução quer pela reprodução das fotografias) para uma útil explanação do Sistema de Zonas. Este livro é o segundo da indispensável trilogia que inclui, por ordem, **The camera** e **The Print**.

² Half Dome é uma das emblemáticas formações geológicas do Parque Nacional de Yosemite, porque que era como que um retiro «espiritual» e criativo de Adams.



Ansel Adams em frente a uma das suas mais famosas imagens – Moonrise, Hernandez, New Mexico (1941) –, por ocasião da celebração dos 40 anos dessa fotografia. | © Roger Ressmeyer/CORBIS/VMI

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

• Para quem quiser aprofundar os conhecimentos e a técnica fotográfica, desde a câmara (vol. 1) ao laboratório (vol. 3), passando pelo filme, pelo sistema de zonas, exposição, filtros (vol. 2), a imperdível colecção **The Ansel Adams Photography Series**, Little, Brown and Company, de 1982:

1. **The Camera,**
2. **The Negative,**
3. **The Print,**

• Um fotógrafo partilhando as ideias que estiveram subjacentes a 40 fotografias por ele tiradas, em:

Ansel Adams, **Examples – The Making of 40 Photographs**, Little, Brown and Company, 2002

• O catálogo de uma exposição na Corunha, Espanha, em 2003 por ocasião do centenário do seu nascimento. Bons textos sobre Adams, reprodução das fotografias entre o médio e o sofrível.

Jeanne Verhulst, **Ansel Adams, Une apunte biográfico**. Fundación Pedro Barrié de La Maza, 2003

• São muitos os livros do autor, mas destacam-se aqui os seus portfólios,

Ansel Adams, **The Portfolios of Ansel Adams**, Little, Brown and Company, 2001

• Um bom documentário sobre Adams editado pela PBS Paramount (atenção, o DVD é Região 1, pelo que nem todos os leitores o conseguem ler, e não é legendado): Ric Burns (realiz.), 2002, **Ansel Adams: A Documentary Film** (DVD)

MUITO INFORMATIVOS TAMBÉM OS SÍTIOS WEB:

- http://www.photoquotes.com/ShowQuotes.asp?ID=10&Name=Adams,_Ansel&Type=Q
- <http://www.anseladams.com>
- <http://www.sfmoma.org/adams/>
- <http://www.archives.gov/research/ansel-adams/>

NA ERA DA FOTOGRAFIA DIGITAL, AGORA QUE SE TORNA CADA VEZ MAIS DIFÍCIL E DISPENSÍVEL COMPRAR E REVELAR ROLOS FOTOGRÁFICOS (QUER PRETO-E-BRANCO QUER DIAPOSITIVOS)

A FOTOGRAFIA

Não possuindo dados estatísticos que sustentem a impressão que temos de que, em Portugal, a fotografia convencional (máquina convencional e película fotográfica) está quase moribunda, resta-nos apenas a sensibilidade adquirida nas conversas com fotógrafos, na frequência de lojas e estúdios fotográficos e na simples inspeção das vitrinas onde se expõem as máquinas, agora quase sem excepção digitais (compactas e reflex), e dos expositores de cartões de memória que progressivamente substituem os clássicos rolos.

Da leitura de revistas estrangeiras especializadas em fotografia (francesas, americanas, britânicas) fica a ideia de que, não sendo fenómeno exclusivo em Portugal, talvez a escala de adesão ao digital e de abandono da fotografia convencional seja maior por cá. Mais uma vez, uma falível questão de sensibilidade, sem dados concretos que o confirmem (existirão?). Mas apoiada por outros fenómenos do género, como os telemóveis, cujo boom excedeu o de outros países, como resulta de diversos estudos.

Um exemplo da generalização do fenómeno da adesão ao digital passa pela extinção quer de marcas de câmaras fotográficas (exemplo flagrante, a nipónica Minolta, pouco depois da fusão com a Konica, tendo a Sony ficado com a tecnologia de ambas) quer do fabrico de rolos, papéis fotográficos, químicos de revelação ou ampliadores. Várias marcas que eram quase «instituições» no fabrico de rolos e papéis fotográficos suspenderam diversos produtos que deixaram de ter procura considerada suficiente. Como exemplos, a Agfa, a Kodak, a Ilford e a Fuji abandonaram o fabrico de diversos dos seus produtos ou a investigação em novos.

Voltando, no entanto, a olhar para as revistas norte-americanas, para os livros de fotografia que por lá se editam e para páginas Internet de fotógrafos dos Estados Unidos, verifica-se que a fotografia convencional ainda está para durar. Aliás, algumas marcas estão a fabricar rolos fotográficos exclusivamente para o mercado norte-americano (caso recentemente divulgado: o mítico Fuji Velvia, de sensibilidade 50 ISO e com cores muito saturadas, foi «substituído» por dois outros, o Velvia 100F e o Velvia 100, este último o que mais se aproxima da saturação cromática do Velvia. Após não muito tempo, aparentemente graças aos pedidos de inúmeros fotógrafos americanos, a Fuji anunciou o regresso da antiga emulsão Velvia. Bem-vindo de novo!). São muitos os adeptos da fotografia convencional e é, por várias razões, compreensível (até porque muitos têm dispendiosos laboratórios montados em casa, de que não pretendem prescindir). Antes de mais – de novo, opinião pessoal do autor destas linhas, mas que é partilhada por muitos e com muitos exemplos que apontam para isso –, a fotografia digital ainda (reforce-se, ainda) não é comparável à fotografia convencional de grande formato e, possivelmente, de médio formato (v. nota sobre formatos da fotografia convencional, adiante). Já é, sem dúvida, comparável – e, em alguns casos, superior – à fotografia em formato 35 mm, o que não acontecia há não muito tempo. Mas as grandes paisagens (americanas, no caso) fotografadas em câmaras de médio ou, em particular, de grande formato permitem ampliações e a percepção de detalhes que, para quem se impressiona com a tecnologia emergente High Definition (HD) nas televisões, deixa estes com a impressão de que foram enganados na compra do televisor... (Já agora, mais uma nota pessoal que poderá enfurecer alguns: a tecnologia HD em imagens dinâmicas será realmente o avanço que tantos pretendem? Porque é que nos vídeos HD de demonstração vemos quase sempre imagens estáticas?... Ao contrário de algum tipo de fotografia onde se pretende a melhor definição possível, numa imagem dinâmica essa definição torna-se menos relevante e, por isso, em parte, inútil. Mas estamos a afastar-nos do tema e não é de excluir que nos venhamos a render à tecnologia HD...). É possível obter imagens de alta resolução – comparável às que se obtêm com uma câmara de grande formato – com câmaras digitais, mas o processo não é simples e, quando realizado de forma comercial, extremamente dispendioso: consiste em obter um mosaico de dezenas ou centenas de fotos do sujeito a fotografar (uma paisagem, por exemplo) e reuni-las em programas informáticos próprios (em computadores com enorme capacidade de processamento e espaço em disco). Demais, exige uma morosa compensação de exposição nas fotografias do mosaico, por forma a uniformizar a luz. Obriga ainda a compensar as aberrações das lentes (i.e., manter as linhas horizontais horizontais e as verticais verticais ao longo de cada uma das imagens do mosaico, de modo a que a união entre as fotografias seja perfeita)... Isto para dar alguns exemplos da complexidade de obtenção de imagens digitais em alta-resolução.

Uma outra desvantagem (a médio e longo prazo) do digital face ao filme prende-se com o suporte. Enquanto que o filme pode ser arquivado facilmente e reproduzido as vezes que se quiser, o formato digital está mais sujeito à evolução da tecnologia e dos formatos e padrões em cada época. Quem consegue ler, actualmente, as velhin-

	24x36		
4,5x6		6x6	
		6x7	
		6x9	
		6x12	
5" x 4"			
			10" x 8"

E MESMO IMPRIMIR COMERCIALMENTE DE FORMA DECENTE,
UMA OPINIÃO SOBRE A FOTOGRAFIA CONVENCIONAL E A
DIGITAL.

DA NATUREZA

ANALÓGICO VS. DIGITAL...

has disquetes de 5-1/4"? Não conterão, algumas delas, textos de que até não nos queríamos desfazer? O que faremos com os actuais discos duros daqui a 10 ou 20 anos ou mesmo com os CDs?... E neles estarão, por certo, milhares ou dezenas de milhares de fotografias de que não nos quereremos desfazer...

Mas não se entenda do exposto que somos avessos ao digital. São ambas formas «legítimas», artes que se complementam. A fotografia digital é muitíssimo útil e mesmo excelente em outras aplicações fotográficas ligadas à Natureza que não a fotografia paisagista exigente ou artística que pode ser conseguida com as câmaras tradicionais. De facto, é óptima na fotografia de aves ou mamíferos com teleobjectivas ou pela técnica do «digiscoping» (câmara acoplada a um telescópio refractor de observação da natureza). Também para a documentação fotográfica do naturalista amador ou mesmo do profissional, desde que não se pretendam grandes ampliações, a fotografia digital é a ideal pela versatilidade e pela possibilidade de verificar *in loco* o resultado. Sem dúvida que as modernas reflex, munidas de um ou dois bons zooms, são capazes de excelentes resultados nestas áreas e mesmo muitas compactas (e as intermédias «bridge») prestam um excelente serviço. Aliás, desafie-se alguém a distinguir entre uma fotografia obtida por uma máquina convencional 35 mm, uma reflex digital ou mesmo uma compacta (bom, para ser-se rigoroso, há pormenores a que se pode estar atento, como a maior profundidade de campo das digitais, mas que podem revelar apenas inabilidade do fotógrafo e não limitações tecnológicas). O mais provável é não conseguir.

FORMATOS MAIS COMUNS DA FOTOGRAFIA CONVENCIONAL

A fotografia convencional pratica-se ainda em três formatos principais: 35 mm, médio formato e grande formato, por ordem crescente de qualidade e decrescente de utilizadores. O formato 35 mm, da qual se obtém negativos ou diapositivos de formato 24x36 mm, é o mais «prático» e, até há poucos anos, o mais expandido. De facto, o formato foi desenvolvido sobretudo para amadores e fotojornalistas, que requeriam qualidade num aparelho rápido, discreto e versátil. As marcas Canon, Minolta, Nikon, Pentax, ... nas reflex e Leica nas telemétricas são de todos conhecidas, para citar apenas algumas. Pouco volumosas, rápidas, com fotómetros fiáveis incorporados, com um rol de lentes disponíveis, desde há vários anos com focagem automática, com rolos à venda mesmo em estações de serviço, o formato era extremamente popular e há ainda muitos utilizadores (mas progressivamente rendidos ao digital).

Também as marcas Hasselblad, Mamiya, Pentax, Rolleiflex, Yashica são de todos familiares, mas desta vez associadas ao médio formato. Este formato utiliza película 120 ou 220 e com elas obtêm-se negativos ou diapositivos de 4,5x6 cm, 6x6 cm, 6x7 cm, 6x9 cm, 6x12 cm (panorâmica)... Utilizam, regra geral, lentes de elevadíssima qualidade mas, no que respeita à sofisticação, são muito mais simples do que as reflex 35 mm. Algumas são muito pesadas para o dia-a-dia, a sua utilização é mais lenta, a maior parte tem focagem manual, os fotómetros, sendo precisos, são quase sempre mais simples, os jogos de lentes mais limitados, os zooms raros (aqui destaca-se o sistema Pentax, utilizado, por exemplo, por Sebastião Salgado). Mas a qualidade das fotografias que se obtém com um sistema de médio formato é já um nível acima do formato anterior. Uma fotografia em formato 6x6, por exemplo, tem uma área superior a 3,6 vezes a área de uma 24x36, permitindo ampliações muito maiores. São essencialmente utilizadas por profissionais (publicações de moda, de decoração e interiores, de viagens...), mas muitos amadores que as descobriram também não as trocam por nada.

Linhof, Shen-Hao, Sinar, Tachihara, Toyo, Wista... não são marcas que se vejam ou de que se ouça falar diariamente. Representam, porém, o supra-sumo da qualidade fotográfica. Utilizadas maioritariamente por fotógrafos profissionais (estúdio) e artistas, são grandes, pesam sempre alguns quilogramas, obrigam a tripé, são lentas, não têm fotómetro, a electrónica está ausente, não utilizam rolo mas sim películas individuais (se bem que seja possível adaptar dispositivos que permitem a utilização de rolos de médio formato) de formatos 5"x4" (10x12 cm) e 10"x8" (20x25 cm)... Dir-se-iam reliquias arqueológicas da fotografia. Mas o controlo que se tem com estas máquinas, desde a perspectiva até à profundidade de campo, é quase total. Para além disso, obtêm-se fotografias cuja dimensão permite que nem seja necessário, em muitos casos, recorrer a um ampliador, tão grandes são. O detalhe que se obtém é notável (v. fotos de Ansel Adams neste número da TN, por exemplo) e não é por acaso que os fotógrafos paisagistas e comerciais as continuam a preferir, por mais tecnologia e megapixels que se lhes ofereça...

A Para quem se sente fascinado por bosques bem conservados, carregados de sombras e de silêncios, daqueles que a nossa imaginação povoa com druidas, Irati é quase um mito que não se quebra mesmo depois de desfrutado. Chamam-lhe a Selva, o que não é desapropriado se atendermos a que esta espessura florestal se situa na superpovoada Europa. Talvez não consiga manter o epíteto do maior faial-abetal quando devidamente considerada a Europa de Leste que durante muitos anos não figurou nos balanços mais ocidentais do velho continente. Mas com grande facilidade assegura um lugar entre os melhores bosques mistos que ainda ocorrem entre os Urais e o Mediterrâneo.

Sitiando um troço da linha fronteira que une os Pirinéus franceses aos espanhóis, 90% da Selva, cerca de 17.000 hectares, situam-se na cabeceira do rio Irati, na provincia espanhola de Navarra. Uma parte deste espaço encravado entre montanhas constitui a Reserva do Monte La Cuéstion. Do lado francês o perímetro reparte-se pelos maciços de La Soule e La Cize, sendo gerido pelas comissões sindicais destes dois territórios administrativos.

Um dólmen com 5.000 anos é porventura o testemunho mais antigo da presença humana no interior da grande mancha florestal. Análises polínicas aí efectuadas comprovam-no. Enquanto os poléns de períodos anteriores a esta data apenas conferem a existência de essências florestais, a partir daqui surgem vestígios que atestam a ocorrência de plantas características das pastagens, sinal evidente da utilização do solo para as actividades pas-

toris. Estes estudos também permitiram concluir que após a última glaciação, ocorrida há cerca de 10.000 anos, o pinheiro-silvestre está presente. Mais tarde surge o carvalho e depois a faia e o abeto.

Há muito usufruída pelo Homem, Irati foi submetida a uma exploração florestal mais severa depois de 1920 e até 1960, que a despojou de grande parte dos seus maiores exemplares arbóreos. A partir desta altura passou a beneficiar de protecção, permitindo que até aos nossos dias tenham sobrevivido faias com 500 anos de idade.

A nossa primeira incursão à Selva de Irati ocorreu em Setembro de 2006, uma altura excelente para ouvir a brama dos veados, em plena época do cio. O comportamento dos imponentes machos, berrando para atrair as fêmeas ou para afastar eventuais machos concorrentes, motiva a organização de saídas de campo para pequenos grupos de pessoas que assistem a esta exuberante manifestação, audível a grandes distâncias.

E dizemos primeira incursão porque, dispondo de apenas um dia, rapidamente concluímos tratar-se de tempo escasso para ficar sequer com uma ideia geral deste grande bosque misto. Também o recorrido (percurso) escolhido não é seguramente o melhor. Fomos atraídos pelo *embalse* (lago) de Irabia que Irati encerra. Se não estamos habituados a desfrutar de uma mancha de água cercada por bosque autóctone a perder de vista, ficou-nos a impressão que outros recantos de Irati guardarão melhores encantos, tanto sob o ponto de vista florístico como faunístico.

À entrada do bosque, junto à ermida da Virgen de Las Nieves, um pequeno centro de recepção disponibiliza um desdobrável com um mapa dos percursos (sempre) pedestres autorizados, muito bem identificados (mais informação poderá ser obtida no Centro de Interpretação localizado em Ochagavia, onde pernoitámos, uma das entradas possíveis para se alcançar Irati pelo lado espanhol). Ninguém corre o risco de se perder e o bosque não corre o risco de se degradar por pisoteio indevido fora dos trilhos.

Em termos de avistamentos de fauna selvagem não tivemos grande sorte neste paraíso para um sem-número de aves e de mamíferos entre os quais se contam os animais silvestres que exigem as melhores espessuras boscosas, no que respeita a qualidade e dimensão: referimo-nos a várias espé-



cies de pássaros carpinteiros, já extintas noutras paragens, à toupeira-de-água e à marta, entre muitas outras.

Um dia inteiro calcorreando trilhos sob as copas de uma floresta imensa sugeria-nos observações de, pelo menos, alguns dos mais emblemáticos residentes de Irati, o que não se confirmou. Um desconsolo que sucede frequentemente quando o espaço conservado que se percorre é extenso e as expectativas de nos cruzarmos com essas espécies ainda maiores. Outro senão foi a nossa incursão não ter coincidido com o pico policromático que a Selva exhibe anualmente e que é seguramente uma das suas «imagens de marca». Chegamos um pouco cedo para o momento em que os tons amarelos, vermelhos, alaranjados e castanhos das folhas se distanciam mais dos vários verdes das árvores de folha perene. As faias e os abetos, dominantes neste bosque, alternam com azevinhos, carvalhos, buxos, aveleiras, plátanos, pinheiros-silvestres, pinheiros-negros,...

Mesmo assim podia ter sido bem pior. Durante o dia apenas nos confrontámos com uns pingos de chuva, o anúncio de uma tempestade que sabíamos ter sido prevista pelos meteorologistas e que haveria de confirmar-se ao princípio da noite, com chuva intensa e um pouco de vento.

Estes vários condicionalismos ditaram algumas limitações que nos impelem a um regresso, tão breve quanto possível, à fantástica Selva de Irati, uma floresta ininterrupta com quase duzentos quilómetros quadrados, algo que apenas mergulhados num sono profundo conseguimos ver em solo lusitano.





IRATI

a selva ibérica

NATUREZA ACTUAL TEXTO e FOTOGRAFIAS • Miguel Dantas da Gama



LAS CARROÑAS

y su influencia

O recurso a carcaças (*carroñas*) de animais para alimentar a fauna selvagem – em particular o urso-pardo e o lobo-ibérico, que encontram na carne morta um importante contributo para a sua dieta alimentar – (tema já tratado no número 23, Verão 2005, da *Tribuna da Natureza*) e as consequências da aplicação da norma comunitária (999/2001), que condiciona esta utilização por questões sanitárias, principalmente para conter a propagação de encefalopatias espongiformes transmissíveis (a doença das «vacas loucas»), motivaram recentemente uma reunião em Proaza (Astúrias) entre as fundações alemãs Euronatur (Stiftung Europaisches Naturerbe), Heidehof-Stiftungentre e o FAPAS-Astúrias (Fondo para a Protección de la Fauna Salvaje).

Contando com o apoio de especialistas em conservação da fauna selvagem proveniente da Grécia, Bulgária e Eslovénia e com a presença de representantes das administrações regionais e estatais, este encontro serviu para avaliar a possibilidade de introduzir modificações a esta disposição europeia para que, não deixando de garantir a sanidade animal, se possam também satisfazer as necessidades de conservação da fauna silvestre.

Sobre esta reunião e as conclusões que dela saíram publicamos um texto do presidente do FAPAS Asturiano.



E

El tema es preocupante, pues lejos de que el problema de la ausencia de carroñas en el medio natural de muchos territorios de gran valor ecológico de España, sea debido exclusivamente a la necesidad de aplicar la normativa europea que regula la destrucción de animales domésticos muertos y garantizar la calidad sanitaria de la población humana, los actuales niveles de recogida de animales muertos está justificada por la presencia de las empresas que han surgido a raíz de la aplicación de la normativa, que han encontrado en su aplicación un desarrollo económico extraordinario.

Brevemente: Que el negocio de la fabricación de productos como grasas o harinas y el sistema de financiación de la recogida de los animales, subvencionada por la Administración, es el verdadero justificante de la recogida de miles de carroñas que deberían quedar en el territorio a disposición de buitres, lobos, osos y demás fauna salvaje que tradicionalmente la ha aprovechado durante cientos de años.

Que Comunidades Autónomas, entre ellas Asturias, han solicitado de la Administración Central que tramiten ante la Unión Europea la declaración de zonas remotas de muchos territorios de montaña, lo que conlleva que en estos territorios no es obligatorio recoger los animales muertos, pero esta solicitud no ha sido atendida por la Administración Central a causa de la presión de las empresas de transformación que no quieren perder parte del suculento negocio en el que se ha transformado la recogida de cadáveres de animales domésticos en España.

Este tema debe de ser sometido a la mayor exposición pública posible, para conseguir crear un clima social conservacionista que haga frente al poderoso lobby de los fabricantes de grasas y harinas de origen animal y presione a la Unión Europea, al Gobierno de España y a las Comunidades Autónomas a tener en cuenta el valor de las carroñas en el marco de la conservación de la fauna salvaje en general.

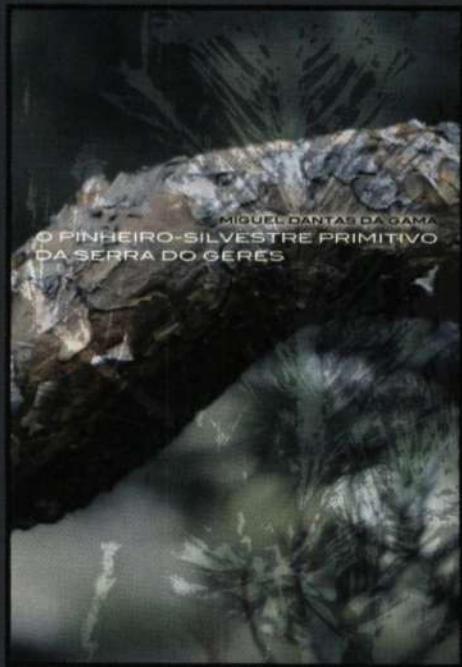
Por tanto, se trata de tener presente permanentemente este problema y exponerlo en cualquier foro que se pueda, especialmente en reuniones de trabajo con las administraciones, medios de comunicación, etc. para ir creando también un lobby conservacionista que presione mediáticamente y se enfrente un adversario tan poderoso como es el de las empresas surgidas al amparo de esta normativa que está dejando prácticamente toda España sin carroñas.

sobre la fauna salvaje

NATUREZA ACTUAL

TEXTO · Roberto Hartasánchez

FOTOGRAFÍAS (control automático) · FAPAS | Asturias



I

Escolhemos um dia grande porque grande vai ser a caminhada que temos pela frente. Iniciamo-la já bem no interior da serra do Gerês num dia de sol com algumas nuvens. Nada se escuta, nem ecos de uma brisa, para o que contribui a ausência de vegetação de porte arbóreo. Desviamo-nos do estradão de terra batida, um alívio para os olhos tal a intensidade com que a luz estival por ele reflectida já nos feria a visão. Agora metemo-nos num trilho de cabras bem próximo do rio de pouco caudal que cruza a serra de Norte para Sul e que vamos acompanhar toda a jornada pela sua margem esquerda. Urze e mato é o que sobra dos incêndios com que os pastores quase não permitem outra qualquer regeneração. Imaginar como poderão ter sido os bosques que outrora cobriram estas recônditas paragens é um exercício sugerido por uma ou outra árvore raquítica, entalada numa fenda ou buraco de uma fraga, a única forma possível de escaparem à voragem do fogo e à pressão do gado. Voltaremos, mais adiante, a falar dos seus malefícios.

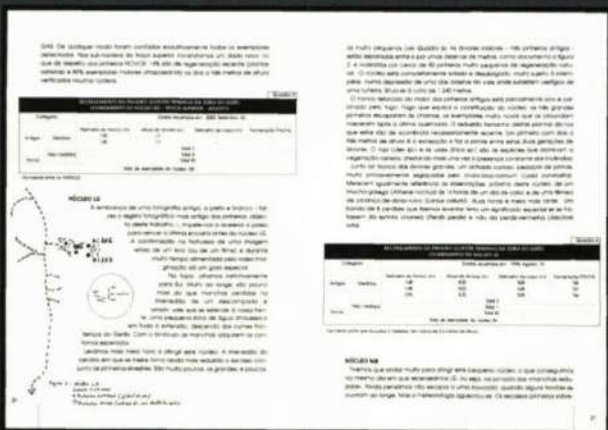
À nossa volta, a paisagem, aparentemente só nossa, é grandiosa. Para norte e poente sucedem-se cumeadas, separadas por vales que elas encaixam. Proseguimos, subindo, sempre atentos às proximidades da água que corre em sentido oposto. Meia hora depois temos o primeiro sinal.

«... No interior da Serra do Gerês onde existem modernas plantações de pinheiros silvestres de êxito promissor, encontram-se também em diversos locais, principalmente nos limites do concelho de Montalegre, muitos exemplares dos

PINHEIROS S PRIMITIV



INTRODUÇÃO



mesmos pinheiros em grupos ou isolados, sobretudo nas ravinas, escapados milagrosamente dos incêndios, dos quais não ha memória de que pudessem ter sido para ali transportados, o que os faz supor com razão como fazendo parte da sua flora indígena» (in Tude de Sousa, A Árvore, 1912).

Mas há referências mais antigas do que esta sobre a possível existência de alguns núcleos residuais de pinheiro-silvestre (*Pinus sylvestris* L.) primitivo na serra do Gerês. Remontam a 1896, quando o silvicultor A. Mendes de Almeida pela primeira vez os reconheceu e fotografou.

A ideia de recensear esta preciosidade botânica – um património que consta no conjunto dos valores que levaram à criação do único Parque Nacional português – concretizou-se entre 1989 e 2003, período em que desenvolvemos o trabalho de campo e que consistiu no levantamento exaustivo dos exemplares que sobrevivem nas zonas mais inóspitas do interior da serra do Gerês, distribuídos por quatro núcleos de ocorrência. Conhecer a sua situação – contando todos os exemplares, medindo os maiores, colhendo registos fotográficos, avaliando o habitat e eventuais riscos que possam pôr em causa a sobrevivência destas árvores – foi um designio acelerado por dois motivadores objectivos: encontrar uma razão adicional para empreender grandes percursos pedestres pelo coração da Peneda-Gerês e, o mais importante, editar um livro (*O pinheiro-silvestre primitivo da serra do Gerês*, FAPAS, 2007), inédito sobre este património, tentando evitar que ele continue a ser ignorado, deixado no mais profundo esquecimento.

Entre as pedras do acidentado leito do rio começam a surgir, muito pequenos. Será que é o que procuramos? À medida que vamos avançando eles vão crescendo tanto em número como em envergadura. A primeira dúvida desfaz-se: são pinheiros-silvestres. Mas subsiste uma maior.

Até ao princípio da tarde, a troços do rio sem árvores, vão-se sucedendo outros

IDENTIFICAÇÃO DA ESPÉCIE | *Pinus sylvestris* L

FAMÍLIA | Pinaceae

GÉNERO | Pinus

ESPÉCIE | *Pinus sylvestris*

NOMES VULGARES | Pinheiro-silvestre, pinheiro-de-casquinha, pinheiro-de-riga, pinheiro-selvagem, pinheiro-de-Flandres, pinheiro-da-Escócia, pinheiro-vermelho-do-Báltico.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS | Árvore resinífera, folhagem persistente; pinhas com 2 a 8 cm, sementes com 2 a 4 mm prolongadas numa asa de até 1,5 cm. Espécie com uma grande área de distribuição, cultivada para a produção de madeira. De crescimento rápido e de longa duração, resiste a temperaturas baixas como 35 graus negativos mas também a calores excessivos. Pouco exigente no que diz respeito à qualidade do solo.

SITUAÇÃO DO PINHEIRO-SILVESTRE PRIMITIVO DA SERRA DO GERÊS

Resultados globais do recenseamento efectuado entre 1989 e 2003

Exemplares Antigos | 181

Exemplares Novos | 1589

Total | 1770

ILVESTRES OS DO GERÊS

quecidos na paisagem da serra

DEFESA DA NATUREZA TEXTO • Miguel Dantas da Gama

com pequenos núcleos de pinheiros – na sua maioria exemplares muito jovens –, quase todos enfiados no leito do rio. Vencida uma curva mais pronunciada, avistamos, um pouco a montante, uma zona em que o curso de água é estrangulado por encostas de maior declive.

Não tarda, deparamos com algo que se assemelha a grandes «bonsai» dominando a imensidão de uma paisagem que, na cabeceira do rio, se volta a abrir num vale imenso só travado pelos cumes aguçados da Fonte Fria, no extremo Norte da grande serra do Gerês.

Agora não restam dúvidas. Diante de nós sobrevive um dos núcleos de ocorrência de pinheiro-silvestre primitivo. Alguns exemplares são enormes, com troncos retorcidos pelo vento, com copas sem ápices, levados pela neve e pelo gelo que as árvores têm que suportar nos frios Invernos que se fazem sentir a maior altitude. Troncos que também sobressaem porque esfoliam em escamas de um tom alaranjado inconfun-

dível, revestidos por uma casca espessa que se desprende em grandes lascas – daí o nome de pinheiro-de-casquinha pelo qual também é conhecida a espécie.

Numa rotina que se repete em cada núcleo que visitamos, medimos o diâmetro da copa, o perímetro do tronco e a altura, quando em causa estão as árvores que designamos por Antigas. Os exemplares jovens, identificados como Novos, são na sua maioria plantas muito pequenas com as quais apenas procedemos a uma contagem que tentamos que seja exaustiva.

Há de facto dois grandes grupos de pinheiros. Muito grandes, são poucos. Em maior quantidade, são exemplares muito pequenos. A explicação está no fogo e no modo como os pastores o utilizam, de uma forma que se foi revelando cada vez mais abusiva e descontrolada. Os grandes pinheiros são os sobreviventes de décadas de queimadas, as plantas muito pequenas são as que conseguiram crescer após os últimos fogos.

A cada fogo – ou, quase o mesmo é dizer, a cada ano – que passa, mais alguns exemplares dos primeiros são atingidos e a população dos segundos é quase dizimada (o que explica termos encontrado a maior parte destes últimos bem «refugiados» junto ao rio). Este fenómeno é particularmente notório em dois (metade) dos núcleos de pinheiros-silvestres primitivos. Num caso, constituído apenas por dois pinheiros Antigos, no outro, por quatro, acompanhados em ambas as situações por escassas dezenas de exemplares muito jovens.

Impedir a ocorrência destes fogos – incêndios de que ninguém fala, porque deflagram em paragens remotas e não atingem as proporções requeridas para encher os ecrãs das televisões – é quase tudo o que se revela necessário para proteger e recuperar um património de extremo valor que inexplicavelmente se perde, ainda mais quando se situa bem no coração do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

FOGO, AR, INOVAÇÃO,
RESPONSABILIDADE.

4 ELEMENTOS DA LIDERANÇA.

A CUF lidera a indústria química em Portugal. Com uma história que atravessa três séculos, entra agora num ciclo de afirmação global. Com vista a responder aos complexos desafios da sociedade contemporânea, o Grupo CUF reestruturou-se e assumiu uma nova imagem. A mudança simboliza a vontade de continuar a crescer, mantendo os valores da sua tradição de excelência. A este espírito junta-se um dinamismo de constante inovação, aquilo que faz com que o Grupo CUF continue a ser decisivo para o futuro económico de Portugal.



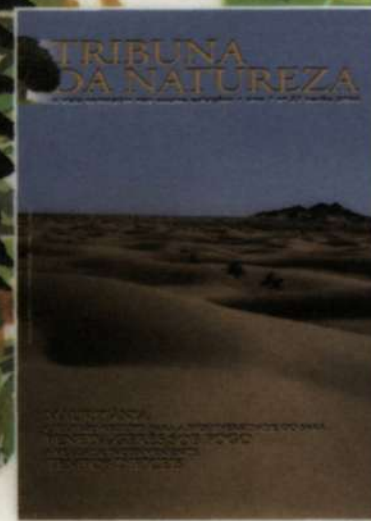
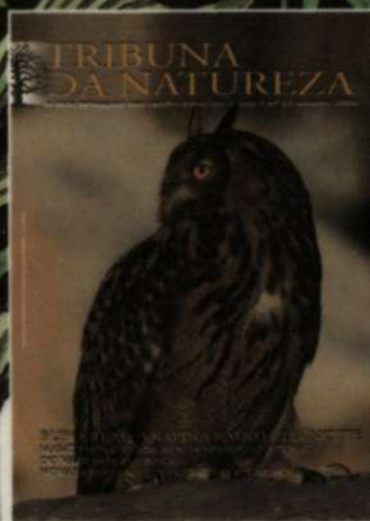
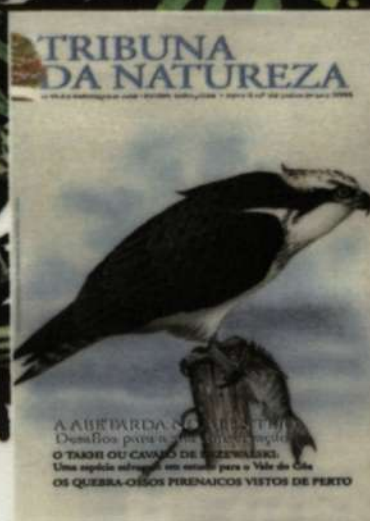
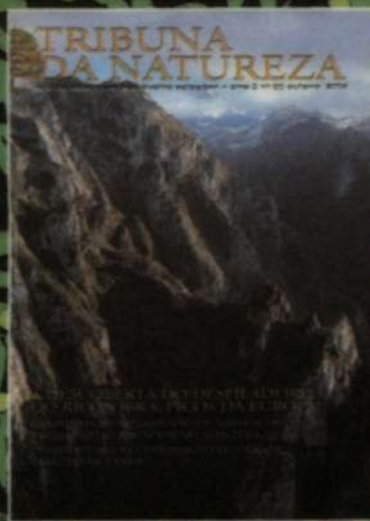
ORIGINAL É O QUE ESTÁ PERTO DA ORIGEM

www.cuf-sgps.pt

arquivadores TRIBUNA da NATUREZA

para 12 números (3 anos)

7 Euros + 4 Euros para portes de envio



A natureza deve ser preservada. Proteja a vida selvagem nas quatro estações

Desejo assinar a revista Tribuna da Natureza por 4 números (13 Euros)
 por 8 números (26 Euros)

Nome

Endereço código postal

Telefone Fax email

Para isso, junto envio cheque nº do banco

no valor de à ordem de FAPAS Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens.

Data Assinatura

pedidos a  **FAPAS**

Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens

Rua Alexandre Herculano, 371 4º andar Dto 4000-055 Porto Tel. 22 200 24 72 • Fax 22 208 74 55